

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE DO PEDAGOGO: RELATOS DE EDUCADORES

THE CONSTRUCTION OF THE SOCIAL IDENTITY OF THE PEDAGOGUE: EDUCATOR REPORTS

Fáguida Eller Sippe¹

Eraldo Carlos Batista²

Resumo: O objetivo deste estudo foi compreender como os pedagogos constroem sentidos sobre sua identidade social orientada pelo Construcionismo Social (GERGEN; GERGEN, 2010). Participaram da pesquisa sete pedagogos de duas escolas da rede municipal de ensino de um município da Zona da Mata do Estado de Rondônia. Mediante uma pesquisa qualitativa, as informações foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas e analisadas de acordo com a técnica de análise do discurso, sob as orientações da psicologia discursiva. Foram identificados os seguintes repertórios interpretativos: a) a concepção do ser pedagogo; b) os fatores contribuintes na formação da identidade social do pedagogo; c) a identidade profissional percebida no meio social; d) a participação de pais e alunos na construção social da identidade do educador; e e) a desvalorização social versus valorização pessoal. Conclui-se que, embora haja discursos valorativos acerca do pedagogo, ainda permeia na sociedade um discurso carregado de conotação negativa, o que influencia a construção social da identidade desse profissional.

Palavras-chave: Identidade social; Pedagogo; Discurso.

Abstract: The objective of this study was to understand how educators construct meanings about their social identity oriented for Social Constructionism (GERGEN; GERGEN, 2010). Seven educators from two schools of the municipal school system of a municipality in Zona da Mata, Rondônia State, participated in the research. Through a qualitative research the information was collected through semi-structured interviews and analyzed according to the Discourse Analysis technique under the Discursive Psychology guidelines. The following interpretative repertoires were identified: a) the conception of being a pedagogue; b) the contributing factors in the formation of the social identity of the pedagogue; c) perceived professional identity in the social environment; d) the participation of parents and students in the social construction of the educator's identity; and e) social devaluation x personal appreciation. It is concluded that although valuing discourses about the pedagogue, still permeates in society a discourse loaded with negative connotation that influences the social construction of the identity of this professional.

Keywords: Social identity; Pedagogist; Speech.

1 Introdução

Com todas as mudanças socioculturais ocorridas no contexto brasileiro, novos horizontes, perspectivas e problemáticas emergiram. Logo, a identidade social do

¹Licenciada em Pedagogia com habilitação em educação infantil e series iniciais do ensino fundamental pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Bacharel em Serviço Social pela Universidade Pitágoras (UNOPAR). E-mail: faguídaes@hotmail.com

²Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)/Faculdade Católica de Rondônia (FCR), Porto Velho, Rondônia, Brasil E-mail: eraldo.cb@hotmail.com

pedagogo também passou por modificações, pois mecanismos e estratégias com o intuito de potencializar o processo de ensino e aprendizagem foram redefinidos, e a docência também ganhou uma nova roupagem. Destarte, o “ser professor” implica uma (des)construção social e cultural, que se vê empenhada no comprometimento com a ética, a democracia e a cidadania (LIMA, 2017).

No contexto escolar professores e alunos convivem no mesmo espaço, em que personagens e personalidades constituem muitas histórias pessoais e coletivas que vão fazendo parte da construção social da identidade de cada ator envolvido. De acordo com Ciampa (2014), a identidade é a conexão de vários personagens, conexão de igualdades e diferenças. Nessa mesma direção, Caldeira (2000) afirma que a identidade profissional docente se desenvolve em um determinado contexto social e cultural, que está em constante transformação, refletindo um processo complexo de apropriação e construção que se dá na interseção entre a biografia do docente e a história das práticas sociais e educativas, a partir de um processo de produção do sujeito historicamente situado.

No entanto, durante muito tempo, o magistério não tinha sequer o status de profissão. Para ser professor bastava ter vocação; era um ofício com um viés sacerdotal, leigo ou, até mesmo, um dom. Dessa maneira, era entendido como uma tarefa relativamente simples, na qual os aprimoramentos no que se refere ao adequado exercício profissional eram irrelevantes. Qualquer sujeito se considerava competente para lecionar. E muitos ainda têm essa concepção de que ser professor é simples, de que qualquer pessoa pode assumir a tarefa de ensinar desde que domine razoavelmente o que ensina. Nessas condições, a profissão docente se desenvolveu sem ser um tema de maiores preocupações. Contudo, essa concepção de docência impregnada na sociedade contribuiu demasiadamente para a construção da identidade social do pedagogo (TARDIF, 2018; SÁ; ALVES NETO, 2016).

No que se refere aos fatores que contribuem para a construção da identidade do professor, Tardif e Raymond (2000, p. 218-219) apontam que

[...] ao longo de sua história de vida pessoal e escolar, supõe-se que o futuro professor interioriza um certo número de conhecimentos, de competências, de crenças, de valores etc., os quais estruturam a sua personalidade e as suas relações com os outros (especialmente com os alunos) e são reatualizados e reutilizados, de maneira não reflexiva mas com grande convicção, na prática de seu ofício.

Para os referidos autores, os saberes experienciais do professor de profissão, longe de serem baseados unicamente no trabalho em sala de aula, decorreriam, em grande parte, de concepções do ensino e da aprendizagem herdadas da história escolar.

Contudo, pode-se afirmar que a identidade social do pedagogo é construída a partir do que ele vivenciou antes de se tornar um professor. E anterior à decisão de seguir essa profissão, havia uma concepção acerca da docência, ou seja, já havia uma identidade social docente construída, que o professor, antes de o ser, já enxergava e até interiorizava. Essa concepção é fruto de uma construção histórica transmitida e modificada por intermédio das gerações.

2 A formação identitária

De acordo com Gergen (1985), a construção social não é particular e unificada, nem deriva de um único indivíduo ou grupo, mas pressupõe um intenso compartilhamento entre diferentes comunidades. Cada pessoa, atravessada por uma cultura, tem uma concepção diferente, pois as culturas são diferentes, de um certo indivíduo ou grupo, por exemplo, um biólogo dirá que tal indivíduo é um mamífero, um professor dirá que esse alguém tem potencial, um psicólogo expressará que é uma pessoa ligeiramente neurótica, e assim por diante. Enfim, todas essas concepções são resultado de uma construção social, pois as pessoas ao longo do tempo concordaram que assim fosse (GERGEN; GERGEN, 2010).

De acordo com Spink (2019), as explicações e descrições deste mundo são construídas socialmente e, assim, também, determinadas. Dessa maneira, a prática e o discurso devem ser objetos de uma análise social. Com base nessa ideia, pode-se afirmar que o discurso acerca do “ser professor pedagogo” é uma construção social determinada. No entanto, a formação discursiva não tem somente um lugar de enunciação, ou seja, diferentes conjuntos de enunciados que se reportam a um mesmo posicionamento podem se dividir por uma multiplicidade de gêneros de discurso (IÑIGUEZ, 2004). Assim, existem diferentes discursos construídos pela sociedade no que tange ao pedagogo, bem como pode existir um enunciado que prevaleça sobre os outros.

De acordo com Berger e Luckmann (2007), a construção social da realidade é o objeto de análise da sociologia do conhecimento. A vida cotidiana, para esses autores, mostra-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente provida de sentido, uma vez que forma um mundo coerente. Todavia, além de esse mundo da vida cotidiana ser tomado como realidade certa pelos homens, ele também tem origem no pensamento e na ação dos indivíduos, sendo admitido como real por eles.

É importante ressaltar que na visão construcionista não se afirma que “não existe

nada” ou “não há realidade”, o fato é que quando os indivíduos definem o que é “realidade”, sempre falam a partir de uma tradição cultural (GERGEN, 2010). Logo, a identidade do profissional pedagogo é uma tradição cultural, tomada e distinguida como verdade pelas pessoas.

Na perspectiva teórica da Psicologia Sócio-histórica, tem-se a compreensão da identidade como um processo de construção do eu, implica ter ideia clara a respeito do movimento dialético que a constitui como algo dinâmico, mutável, que está em permanente transformação. De outra maneira, o indivíduo não constrói sua identidade isoladamente, mas se apropria de características e referências de identidades que permeiam a sociedade, a família e a cultura em que este é inserido, pois “tudo que constitui o indivíduo é da ordem do histórico, do social, e do cultural e, portanto, do mutável: a cultura, a história, os grupos sociais, as instituições sociais, os gostos, necessidades, interesses, expectativas, desejos, entre outros aspectos” (CARVALHO, 2006, p. 18).

Contudo, esses fatores que perpassam a vida de todos os indivíduos são mutáveis, logo, a identidade também é mutável e ilimitada, estando sempre sujeita a alterações. Com base teórica da Psicologia Sócio-histórica, o processo de formação, conservação e transformação da identidade do indivíduo ancora-se no seu processo de socialização (CARVALHO, 2006).

Dessa maneira, as vivências e experiências contribuem para a construção da identidade, a fim de internalizar aquilo que os outros atribuem de tal forma que se torna algo próprio do indivíduo. Todavia, está-se em constante transformação, pois as características físicas, mentais, o meio de convívio e a sociedade também estão em mudança permanente (CIAMPA, 2014).

Diante do exposto, este artigo tem por objetivo analisar a compreensão da construção social da identidade da profissão docente pelo pedagogo.

3 Caminhos metodológicos

Este estudo foi realizado por meio de uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa orientada pelo Construcionismo Social (GERGEN; GERGEN, 2010).

Participaram do estudo sete professores pedagogos de duas escolas da rede pública de ensino de um município da Zona da Mata do Estado de Rondônia, de ambos os sexos e com distintos anos de atuação na profissão. Os critérios de inclusão na presente

pesquisa consistiram em ser professor pedagogo atuante nas séries iniciais (1º ao 5º ano) das instituições municipais de ensino indicadas pela Secretaria Municipal de Educação, com diploma de graduação em pedagogia ou magistério.

Como instrumento de coleta de dados, foi aplicado um questionário para coletar informações que compreendessem as variáveis sociodemográficas, como idade, sexo, estado civil, escolaridade, renda familiar, número de filhos, entre outros. Também foi contemplada a entrevista semiestruturada (BATISTA; MATOS; NASCIMENTO, 2017), a qual objetivou identificar os sentidos produzidos acerca da construção social da profissão docente pelos entrevistados. As entrevistas foram realizadas com professores durante o seu contraturno, em seu horário de planejamento de aulas. As informações foram gravadas em um aparelho digital; a entrevista teve duração média de 30 minutos.

As análises do material empírico foram realizadas por meio da Análise do Discurso orientada pela Psicologia Discursiva, proposta por Potter e Wetherell (1987). Nessa perspectiva os autores supracitados descrevem 10 etapas na análise do discurso, que não devem ser consideradas sequenciais, mas como uma forma didática de compreender as várias questões e tarefas comuns ao trabalho de análise (RASERA, 2013). Resumidamente, essas etapas consistiram em: após a gravação das entrevistas, a pesquisadora as ouviu atentamente para compreender como o discurso acerca do pedagogo estava organizado na vida social dos participantes. Em seguida, o discurso foi transcrito na íntegra, preservando, inclusive, os vícios de linguagem. A partir das transcrições foram selecionadas as falas inerentes aos objetivos da pesquisa, organizando-as em repertórios interpretativos. A etapa da análise dos dados envolveu uma leitura cuidadosa do material, considerando as nuances e detalhes dos discursos.

A pesquisa seguiu as orientações das Resoluções 466/2012 e 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisas com seres humanos. Para a realização deste estudo, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Universidade Federal de Rondônia, sendo aprovado, recebendo Parecer n. 2.515.770 e CAAE n. 80720317.4.0000.5300. A participação na pesquisa foi oficializada por meio da leitura e da assinatura do TCLE. Para preservar o anonimato e o sigilo de cada sujeito participante, foram adotados designativos fictícios em suas identificações.

4 Análise das informações

A análise do material coletado possibilitou a compreensão de que os sentidos produzidos por eles sobre a construção social da identidade do pedagogo são plurais e são construídos a partir das experiências e prática profissional, bem como da sua relação com os diversos grupos sociais dos quais fazem parte. Desse modo, a leitura e a interpretação das entrevistas possibilitaram a organização de cinco repertórios interpretativos: a) a concepção do ser pedagogo; b) os fatores contribuintes na formação da identidade social do pedagogo; c) a identidade profissional percebida no meio social; d) a participação de pais e alunos na construção social da identidade do educador; e e) a desvalorização social versus a valorização pessoal.

4.1 A concepção do ser pedagogo

Para analisar a identidade social do pedagogo, é apropriado compreender as ideias e conceitos atribuídos a essa profissão. Assim, considerou-se pertinente conhecer um pouco do olhar dos entrevistados sobre a função que escolheram desempenhar. Dessa forma, direcionou-se o início do diálogo nas entrevistas indagando qual era a concepção que os entrevistados tinham acerca do ser pedagogo.

Pedagogo é um profissional que, antes de pedir respeito, ele deve se respeitar, ele deve se impor como alguém que estudou, se formou, se especializou para cuidar de um determinado assunto. [...] hoje em dia, as pessoas têm uma ideia, muito... muito vaga sobre a educação, né. Como se a escola ainda, nos dias de hoje, fosse um depósito de criança. E não! Nós somos profissionais e estamos aqui pra desenvolver um trabalho, e devemos ser respeitados por esse trabalho. (Entrevistado 6).

[...] ter a arte de ensinar e aprender. É a arte de você construir o conhecimento. [...] tá preparado para fazer os primeiros passos, né (Entrevistado 1) (informações verbais).

Verifica-se que esses pedagogos reconhecem a seriedade da função que exercem. O Entrevistado 6 evidencia que a sociedade não percebe a profissão com essa significância e, assim, tenta desconstruir essa concepção social, impondo-se com a consciência da relevância de sua função para a sociedade e exigindo respeito por isso. Bonin (2017, p. 70) pontua que “apesar de o indivíduo ser concebido como um produto da história e da cultura, é também um ser intencional e criativo, em constante transformação, e que, coletivamente, pode mudar o próprio processo cultural que o constitui.” Portanto, um dos professores empenha-se em mudar esse processo que o constitui como uma pessoa que trabalha num “depósito de criança.”

Outro entrevistado demonstrou esse mesmo posicionamento e respondeu que ser pedagogo:

[...] é enfiar o pé na jaca, literalmente. Não tem como ser um pedagogo sem enfiar o pé na jaca. [...] um professor ele não se mede pelos anos de magistério dele, mas, sim, pelo brilho, né, que ele tem nos olhos. [...] isso tem a ver também com a formação base daquele professor. É... a formação, a metodologia dele, quem são os mestres que ele leu? Onde são as fontes que ele busca? O que é que formou ele? O que, que... Qual é a sua pedagogia, né? [...] Tem professor que tem preguiça de ler um livro. [...] Só ensina, né, com prazer, quem tem paixão por aprender. Eu não consigo imaginar um professor que não leia, que não estude todos os dias. [...] (Entrevistado 7) (informação verbal).

Nessa fala fica clara a necessidade de aperfeiçoamento do profissional por meio de leituras atualizadas. Como aponta Libâneo *et al.*, (2001), o pedagogo atua nas instâncias da prática educativa, ligadas aos processos de transmissão e assimilação ativa de saberes. Consequentemente, se não há busca por saber, não há transmissão deste.

Outro professor compartilha essa visão quando afirma: “[...] tem professor que tá na educação, não sei, empurrado, ali, por... parece que não tem outra saída. Já tem outros professor que gosta.” (Entrevistado 3) (informação verbal). Essa linha de pensamento leva para a próxima análise, que são os fatores que influenciaram a escolha da profissão, como a intervenção da família, o curso mais acessível financeiramente e a relação com os professores durante a idade escolar.

4.2 Fatores contribuintes na formação da identidade social do pedagogo

Alguns fatores contribuem para a formação da identidade social do pedagogo, conforme exposto a seguir.

4.2.1 A escolha profissional

Entre os fatores que contribuem para a formação da identidade do pedagogo está o processo de escolha por essa profissão. De acordo com Galindo (2004, p. 17), “o motivo da escolha pelo trabalho docente fornece-nos indicações da constância dos elementos que compõem a identidade, da lógica subjacente aos atributos da identificação.” Contudo, os motivos que levam ao ofício de pedagogo são relevantes para entender como se constrói a identidade profissional e, consequentemente, também a identidade social do pedagogo.

Para descobrir os motivos que levaram os entrevistados a estar nessa profissão, foi solicitado que relatassem como foi o processo de escolha pelo Curso de Pedagogia. Obtiveram-se as seguintes respostas:

[...] por falta de opção. (Entrevistado 2).

Foi meu marido que me influenciou. Ele disse que eu tinha jeito de ser professora. Foi por isso que estudei. (Entrevistado 3).

Mais acessível. O meu foi pelo preço e mais acessível na minha cidade [...] (Entrevistado 4).

Eu queria ser médica. Só que as condições financeiras, né, não davam. E eu optei mais por ser professora pela área de trabalho também, né, que é um campo que tem mais trabalho do que os demais. (Entrevistado 5) (informações verbais).

Esses resultados corroboram o estudo de Galindo (2004), o qual, ao pesquisar sobre a construção e identificação do profissional docente, concluiu que para o grupo de professores investigado, estes fizeram o Curso por falta de opção, por imposição da família e por maior possibilidade de conseguir emprego. Para essa autora, “a identificação se dá em nível de características do ‘emprego’, entendido pela possibilidade de realizar alguma tarefa e ser remunerado por isso” (GALINDO, 2004, p. 19).

Mediante as respostas dos participantes e a contribuição teórica de Galindo (2004), pode-se concluir que esses pedagogos optaram por essa área em razão da necessidade material e da alternativa de terem um emprego que rendesse uma remuneração salarial. Diferentes deles, os outros colaboradores expuseram o seguinte diante da pergunta:

Eu sempre estudei para ser professor, é... no ensino médio eu fiz o magistério. (Entrevistado 1).

Eu sempre fui apaixonada por dinâmica da escola. [...] E eu admirava muito a minha professora. Eu achava a coisa mais linda do mundo ela ensinar. Ela era muito bonita; aí eu pensava assim: “aí, quando eu for uma professora eu quero ser igual ela!” (Entrevistado 6).

Eu adoro falar sobre isso. Porque, eu posso ser outra coisa, né. [Formada em Ciências Contábeis e trabalhou nessa área por um tempo]. Então, eu sou professora porque eu quero ser, né. [...] Então, para mim, ser professora tem a ver com a questão social. É a questão humana social mesmo, né. Porque a gente sabe que às vezes determinadas crianças estão realmente tendo uma oportunidade exclusivamente naquele professor ali. Às vezes, você tem essa oportunidade de pegar esse aluno, resgatar ele, melhorar, né. É... a autoestima dele, indicar caminhos, cuidar dele, nesse período de um ano que você tem, você pode modificar, né. (Entrevistado 7) (informações verbais).

Diante do exposto, para esses pedagogos o vínculo inicial com a área de trabalho foi baseado em características específicas da pedagogia (GALINDO, 2004). Ou seja, os participantes demonstraram que a escolha profissional se deu pelo gosto de trabalhar com crianças, a paixão pela dinâmica da escola, as possibilidades de intervenção social que o trabalho proporciona, a relação íntima e estreita que se pode ter com as crianças, etc.

Assim, no que tange à escolha pela profissão, identificaram-se duas identidades profissionais: a relacionada com a necessidade material e a que se refere às características específicas do trabalho pedagógico. Um dos colaboradores fundamenta essa inferência

quando responde à pergunta se ele se identifica com a profissão escolhida, dizendo: “Muito! Eu não consigo me ver em outra função. É a profissão que me deixa mais realizada, mais feliz. Menos remunerada. Mas eu gosto de falar que o que a pedagogia me dá não tem dinheiro que pague” (Entrevistado, 7) (informação verbal).

Ainda se tratando do processo de escolha pelo Curso de Pedagogia, indagaram-se os entrevistados sobre como a família deles participou dessa decisão: “Tinha o magistério naquela época, aí, eles me incentivaram, me colocaram no magistério.” (Entrevistado 1). “Minha mãe me apoiou. [...] meu marido, sim.” (Entrevistado 4) (informações verbais).

Assim como estes, outros pedagogos também afirmaram a presença e o apoio da família na tomada de decisão pelo Curso de Pedagogia e também durante o percurso da faculdade. O incentivo e apoio da família nesse processo influenciaram tanto na identidade pessoal quanto profissional desses pedagogos, pois é na família, de acordo com Berger e Luckmann (2007), que acontece o primeiro momento de socialização do homem, no qual ele interage com os outros que lhe são significativos.

Essa fase é definida pelos mesmos autores como a socialização primária. Eles apontam que o mais importante nessa etapa é que, além de o indivíduo absorver os papéis e atitudes dos outros, ele também assume o mundo deles. Assim, a opinião da família foi um fator crucial para que os entrevistados optassem pelo Curso de Pedagogia.

Entre os fatores que contribuem para a formação da identidade social do pedagogo está o fato de como essa profissão era percebida pelos entrevistados antes e durante a graduação, pois quando esses pedagogos estavam frequentando a escola já havia um discurso historicamente construído acerca do professor das séries iniciais. Partiu-se do pressuposto de que esse discurso tenha influenciado na perspectiva que os entrevistados construíram ao longo dos anos sobre esse profissional. A seguir, procurou-se explicar tal assunto.

4.2.2 A profissão percebida antes e durante a formação acadêmica

Antes de se dedicar a uma área profissional existe uma preconceção sobre ela, que muitas vezes pode ser o motivo que leva uma pessoa a seguir a carreira. Os pedagogos entrevistados, antes de o serem, também tinham uma percepção acerca da profissão. Vale lembrar que tal percepção é consequência de muitos fatores, como, por exemplo, a família, os professores que tiveram na idade escolar e a sociedade em geral.

[...] intimamente ligada ao desenvolvimento da imagem de si e da identidade social, a motivação para a docência baseia-se nas representações da profissão

e nas significações atribuídas ao papel e às condições de exercício da função e depende de variáveis pessoais e das relações anteriormente vividas com o meio escolar e os professores. (NASCIMENTO, 2007, p. 211).

Com o intuito de identificar a concepção que tinham com relação à profissão, foi perguntado como percebiam o professor pedagogo antes de iniciarem a graduação. Um dos entrevistados relatou que a admiração era tamanha a ponto de não ver a professora pedagoga como um ser humano normal.

[...] eu observava bastante, assim, a questão de papel mesmo do professor, o quanto era útil para a sociedade, tanto que eu sempre espelhava, que o professor era, sempre foi um segundo pai, a professora sempre foi uma segunda mãe. (Entrevistado 1).

Ah, eu via... quando eu era criança, eu via ela assim, na minha cabeça ela era uma fada, ela era a pessoa mais inteligente do mundo, né, era aquela coisa linda. Eu não via ela como ser humano normal. (Entrevistado 6).

Eu sempre admirei mesmo, assim, pela possibilidade, o acesso. Eu sempre tive um respeito mesmo pelo professor. Pra mim, o professor, ele sempre foi uma pessoa mesmo que tem um conhecimento mesmo. [...] eu achava que o professor, ele tem que saber mais, ele tem que ler mais, ele tem que buscar mais. (Entrevistado 7) (informações verbais).

Para esses entrevistados a figura do pedagogo sempre foi de uma pessoa de respeito, admiração, conhecimento. Observa-se no argumento de um dos entrevistados que a responsabilidade que essa figura deveria possuir era tão grande, que para ele era inacessível. A construção dessa concepção dos pedagogos entrevistados sobre a admiração e paixão por esse ofício e a responsabilidade social atribuída a ele são componentes de uma representação social, sendo “forma através da qual as pessoas dão sentido às suas práticas sociais” (MOSCOVICI, 1978 *apud* GOMES, 2008, p. 9).

Esses colaboradores evidenciam que os pedagogos que fizeram parte da caminhada escolar tiveram grande influência na constituição da identidade pessoal, profissional e também na formação da identidade social da profissão, pois a concepção da sociedade acerca dessa área foi construída historicamente por intermédio do discurso dos indivíduos (GERGEN, 2010). Esses entrevistados fizeram parte da história e foram interlocutores do discurso socialmente concebido.

Assim como a sociedade se transforma, a identidade das pessoas também de modifica mediante as transformações ocorridas, e, assim, concomitantemente, a concepção acerca do pedagogo também sofre mudanças. Partindo desse pressuposto, foi relevante perguntar aos entrevistados se durante a graduação houve mudança na concepção sobre a identidade do pedagogo. As respostas foram parecidas e se basearam sinteticamente nas seguintes declarações:

Ah, teve! Que são muitas lutas, né, são muitas reformas, são muitas pessoas colocando ideias diferentes para tentar melhorar esse trabalho. Aí a gente vê

que é... que é um trabalho bastante difícil, bastante minucioso [...] sempre vai ter alguém te testando e você vai ter que sempre produzir mais. Então, eu vi que realmente é uma profissão muito... muito importante e muito difícil, não é fácil, mas é muito gratificante também. (Entrevistado 6) (informação verbal).

Antes de iniciarem a graduação, efetivamente antes de se dedicarem à profissão, os pedagogos percebiam um pouco da responsabilidade e da relevância da profissão, mas de uma maneira romantizada, como se pode verificar nestas narrativas: “ela era uma fada”, “o professor era, sempre foi, um segundo pai, a professora sempre foi uma segunda mãe.” Os pedagogos deixaram de romantizar, quando passaram a afirmar que é uma profissão “muito importante e muito difícil.” (informações verbais).

De modo geral, os entrevistados afirmaram haver uma mudança em suas concepções com relação à profissão quando eles estavam na graduação. Pode-se perceber que esses relatos revelam que a profissão do pedagogo é de tamanha dimensão quanto ao papel social que desenvolve a dificuldade para exercê-la, a responsabilidade e o conhecimento que o profissional demanda ter e procurar adquirir constantemente. Um dos professores ressalta o compromisso que a profissão requer, quando declara: “Eu não consigo chegar em casa se eu não tiver lido, se eu não tiver estudado. Eu tenho que ler e estudar todos os dias.” (Entrevistado 7) (informação verbal).

4.3 A identidade profissional percebida no meio social

A indagação principal da pesquisa é: como os pedagogos percebem a identidade social da sua profissão? Em outras palavras, como os pedagogos, enquanto profissionais, percebem que são vistos pela sociedade? Depois de fazer os entrevistados refletirem sobre sua identidade profissional, em como se deu a escolha pelo Curso de Pedagogia e como concebiam os pedagogos antes e durante a graduação, inquiriu-se acerca de como percebiam socialmente, durante a prática, o profissional pedagogo.

[...] eles não valorizam, né. [...] é a profissão mais importante que tem. Porque todos os outros... as outras profissões passam por onde? Pelo professor, né. [...] tudo passa pelo professor, e é o profissional menos valorizado, né, em tudo. Tudo “ah, é professor... Nossa! Que pena! Mais um sofredor.” (Entrevistado 5).

[...] se você for pensar em educação, quem deveria ser melhor preparado? Quem dá aula para o pré-escolar, para o jardim da infância, porque é a base. [...] Porque é ali que eu tô construindo, é a base pra sustentar a arquitetura, né. Então, infelizmente as pessoas, elas confundem: “ah, ficou com pedagogia, esse cursinho de nada, né.” [...] “o curso mais barato, não sei o quê.” Talvez isso faz com que muitas pessoas vêm, e não é isso que elas queiram ser. [...] tem que cair na real de saber que não é assim. (Entrevistado 7) (informações verbais).

Constatou-se o que se defendeu ao longo dessa escrita, de que há um discurso

historicamente construído sobre o pedagogo, e, nessas falas, os entrevistados revelaram o caráter do discurso que se profere atualmente. Vesentini (2002 *apud* LIMA, 2017) defende o mesmo ponto de vista dos entrevistados, ressaltando que há um discurso na sociedade de que a docência na educação básica é vista como algo destinado somente àqueles que não têm competência para exercer outras atividades. Essa circunstância provoca muitas complicações que fragmentam a formação da identidade e o reconhecimento da importância do professor no suporte da estrutura de uma sociedade desenvolvida.

No entanto, a partir do enunciado dos entrevistados, certifica-se que a tendência deles foi desconstruir o discurso proclamado na sociedade. Pois, após declararem que a sociedade não valoriza a profissão, muitos afirmaram o quanto são conscientes com relação à importância que têm os pedagogos na fase inicial da vida do indivíduo e, conseqüentemente, em toda a sua existência. Já que a intervenção pedagógica nessa fase constitui a base da vida deste, visto que esses profissionais reconhecem trabalhar em prol da construção da cidadania e do conhecimento crítico e sistematizado, enfim, na formação intelectual e social da criança.

Um dos participantes apresentou, em seu ponto de vista, uma justificativa do motivo que leva a sociedade a construir e disseminar um discurso negativo sobre o profissional pedagogo:

Hoje tem isso, professor fingindo que tá dando aula. Aluno fingindo que está aprendendo, o pai quer saber que aluno passou, né. Então, aí depois cobra. Joga essa conta para o professor. “Mal formados, péssimos professores.” [...] e você tá no meio, você não tem nada com isso, aí você: “pera aí, eu tô no meio também!” [...] então assim, eu vejo o professor com um descrédito nesse sentido, porque ele não se prepara, ele se acovarda diante da situação. [...] eu acho assim, que o professor se vitimiza, se omite, se acovarda, não busca, fica esperando cair no colo dele (Entrevistado 7) (informação verbal).

Dessa maneira, a narrativa evidencia uma preocupação com a identidade social do pedagogo, pois esses profissionais que não desempenham com integridade a sua ocupação acabam denegrindo a reputação da profissão. Na seção sobre a identidade profissional, inferiu-se que o Entrevistado 7 distinguiu dois tipos de pedagogos: os comprometidos com a profissão, aos quais ele demonstra pertencer, e os descomprometidos com a profissão, que ele critica durante grande parte da entrevista.

Esse dado revela a identidade social do pedagogo como uma construção social sustentada mediante discursos historicamente produzidos. Destarte, as identidades profissionais dos pedagogos ao longo do tempo refletiram, e ainda refletem, grandemente

a constituição da identidade social da profissão. Essa construção depende de vivências da sociedade com essa classe social.

Utilizando o ponto de vista do Entrevistado 7, pode-se exemplificar a ideia anteriormente exposta: se os indivíduos se deparam com pedagogos descomprometidos profissionalmente, provavelmente, terão um conceito negativo dessa classe. Por outro lado, as pessoas que vivenciam situações com pedagogos comprometidos geram uma concepção positiva da classe. Assim, a sociedade produzirá discursos distintos e até contraditórios entre si acerca do pedagogo. Com relação ao compromisso dos pedagogos em se comprometerem com a profissão, ou seja, aprimorarem os conhecimentos, a didática, as metodologias, a estarem sempre atualizados, etc., Brzezinski (2002 *apud* SOARES, 2008, p. 218) aponta que:

[...] uma das formas de construção e reconstrução da identidade profissional é a busca constante de aprimorar conhecimentos, além da análise e debate das práticas educacionais, coletivamente (associações, sindicatos, etc.), com o objetivo de mudar a história e a imagem do pedagogo no seio da sociedade brasileira, especialmente no que se refere ao reconhecimento do papel por ele desempenhado como intelectual crítico reflexivo e transformador, cujo objetivo maior é a formação do cidadão.

Ambos os autores concordam que a preocupação do pedagogo com as práticas educacionais e com o aprimoramento do conhecimento pode modificar a sua imagem, no sentido de a sociedade reconhecer o papel relevante que esse profissional desempenha. Nessa mesma linha de pensamento, o Entrevistado 7 expõe que todos os pedagogos devem estar comprometidos com o seu ofício para que haja mudança na identidade social da profissão.

4.4 A participação de pais e alunos na construção social da identidade do educador

A visão e o discurso das pessoas que convivem com o pedagogo diariamente também interferem na construção da identidade social da profissão, já que esses indivíduos que acompanham de perto a atuação do pedagogo também são parte da sociedade e disseminam o seu ponto de vista no meio social. Essas pessoas são os alunos e pais. Assim, perguntou-se, no ponto de vista dos entrevistados, como os alunos percebem o profissional pedagogo. Um dos colaboradores descreve uma situação que ele havia vivenciado há pouco tempo e que mostrava uma das concepções que os alunos tinham com relação ao pedagogo:

Eles respeitam. Eles... a gente trabalha muito isso com eles, aqui não são empregados dele. Somos professores, né, habilitados, e exigimos respeito. Eles devem nos respeitar como profissionais que somos. Da mesma forma que a

gente respeita eles como alunos [...] porque as crianças, um tempo, eles vinham pra escola, né, achando que vinha aqui ficar um tempo para o pai trabalhar, né, porque era essa cultura que os pais tinha em casa. Mas, graças a Deus, nós estamos conseguindo mudar essa concepção (Entrevistado 6) (informação verbal).

A partir desse discurso percebe-se que, geralmente, os alunos percebem o pedagogo como babá, conseqüentemente, empregada deles. E a identidade desse profissional vai depender da maneira como ele lida com essa situação: se conformando e, assim, alimentando esse ponto de vista dos alunos, ou trabalhando na perspectiva de mudar essa concepção, mostrando o profissionalismo no seu fazer pedagógico.

Depois do exposto sobre a percepção dos alunos com relação ao profissional pedagogo, verifica-se agora, na perspectiva dos entrevistados, como os pais dos alunos percebem o profissional pedagogo. Os discursos a seguir expressam a percepção dos colaboradores:

Tem admiração. Eu vejo que os pais, eles acreditam nos pedagogos, eles acreditam nos profissionais dos filhos deles [...] eu observei muito que da minha turma, quase 100% dos pais tem a gente [...] como um [...] espelho, uma peça-chave pro filho dele. “Oh! Escuta o que o professor tá falando. Se o professor tá falando isso, e isso, e isso, é porque tem que ser assim!” [...] Às vezes, [...] até deparou com pai, com família de falar assim ó: “é professor, ainda bem que você existe.” (Entrevistado 1) (informação verbal).

Ao afirmar que os pais trazem motivação para continuar com a atividade laboral que desempenham, pode-se inferir que nesse aspecto o Entrevistado consegue exercer sua função com maior êxito do que os pedagogos que não contam com a presença e o apoio dos pais. Os outros entrevistados informaram haver algumas dificuldades com relação a isso:

[...] tem pais que é... ele vem na escola, ele contribui com professor, ele conversa, ele quer saber do processo de ensino-aprendizagem, já tem outros que só sabem criticar. Só critica, não quer saber de ajudar o filho, não quer saber de ajudar o professor, não é presente na escola, né. (Entrevistado 2).

Eles estão respeitando, mais do que um tempo atrás. É... antes, eles tinham a gente como babá, né. [...] Então, muitos pais já percebem o professor, o pedagogo como é... o profissional formado que é na área, né, aqui nós somos profissionais capacitados né. E muita gente percebe isso. Embora chegue alguns aqui, que queira passar por cima disso, mas a gente se impõe, a gente não deixa isso acontecer. (Entrevistado 6).

Quando tem um pai que quer passar a mão na cabeça do aluno, do filho, entendeu? Ele vai achar que eu não sou boa professora, que eu tô cobrando demais. Entendeu? Mas, a maioria dos pais, a maioria mesmo, absoluta maioria acha bom. Eles querem um professor que cobre mais do aluno. (Entrevistado 7) (informações verbais).

Observa-se nas falas que os professores percebem com pequenas diferenças essa relação. No entanto, deve-se levar em consideração o gênero desses pedagogos. O entrevistado que relatou ter o apoio dos pais é do sexo masculino. Os demais que

afirmaram não contar com esse mesmo apoio constantemente são do sexo feminino.

4.5 Desvalorização social versus valorização pessoal

Na sua relação com o ambiente social, o indivíduo interioriza o mundo como realidade concreta, subjetiva, na medida em que é apropriada ao indivíduo em questão, a qual no que lhe concerne se exterioriza em seus comportamentos. Essa interiorização-exteriorização corresponde a uma dialética em que a percepção do mundo se faz em conformidade com o que já foi interiorizado, e a exteriorização do indivíduo no mundo se faz segundo sua percepção das coisas existentes (LANE, 2018). Assim, a concepção que os pedagogos entrevistados demonstram sobre a identidade social da profissão é resultado desse processo de interiorização do discurso historicamente construído e exteriorização da compreensão dessa realidade.

Ainda com o intuito de descobrir a concepção que a sociedade tem sobre o pedagogo, o que implica a produção da identidade social desse profissional, perguntou-se aos participantes da pesquisa qual é a reação das pessoas quando eles se apresentam como pedagogos na vida social fora do ambiente de trabalho.

A sociedade em si, ela não reconhece o pedagogo [...] como [...] um destaque na sociedade. Isso até é chocante, é ruim pra gente [...] a sociedade [...] não tem bons olhares, não admira, até porque o professor hoje, ele... ele é apenas um professor. Ele não tem carrão, ele não tem casona, ele não tem, é... melhores vestimentas, ele se veste igual um outro normal, ele não é Doutor, que anda de paletó, um juiz, um advogado. [...]. Porque imagina, uma sociedade que ainda não vê o educador, não vê a escola, o professor com, quanto... uma autoridade de altura, de classe, né. Não vê. [...] muitos professores hoje, ele tem vergonha do salário dele, ele... se não saber fazer as contas ele não consegue honrar seus compromissos. (Entrevistado 1) (informação verbal).

Esse pedagogo expressa que a sociedade não valoriza o pedagogo como valoriza outros profissionais que recebem maiores salários e, conseqüentemente, têm melhores vestimentas, casas, carros, etc. Assim, a identidade social do pedagogo é de um profissional sem status social, pois, partindo do ponto de vista desse entrevistado, deduz-se que a sociedade só atribui status àqueles que têm poder de aquisição.

Sobre a desvalorização salarial do docente, Santos (2015) aponta que ela atinge perversa e diretamente o profissional e sua família, pois os expõem em risco instantâneo de subsistência constante, visto que impossibilita economicamente sua ascensão social, coíbi o acesso aos bens culturais e de necessidade imediata, ao lazer, instrumentos de consumo e, o mais preocupante, impede que os docentes obtenham novos conhecimentos necessários ao aperfeiçoamento pessoal e profissional. Outro participante relatou que a

reação das pessoas é a seguinte:

[...] de forma respeitosa, mas também por um lado, assim, eles têm um pouco de [...] pena. [...] devido, assim, greves, né [...] E aí quando você fala que você é pedagoga, aí já, o que vem logo na ideia deles, primeiro respeito, segundo a desvalorização, né. “Ah! Mas, a pessoa não é valorizada né, não tem um salário digno.” Eu vejo assim enquanto pedagoga. Quando a gente fala que é pedagogo, a pessoa já pergunta: “E aí? Estão recebendo bem? O prefeito tá pagando?” (Entrevistado 2) (informação verbal).

Esse participante defende que as pessoas respeitam o trabalho desempenhado pelo pedagogo. No entanto, os governantes não valorizam a profissão. Os participantes evidenciaram nas entrevistas a falta de recursos necessários na sala de aula, na escola, os baixos salários, a ausência de políticas de incentivo à formação continuada, etc. Dessa maneira, vê-se que a docência está sendo desmerecida por parte do governo brasileiro e, conseqüentemente, da sociedade. A ausência de políticas públicas de condições de trabalho do pedagogo faz com que lhe seja atribuído um desprestígio social. Outros participantes percebem essa desvalorização, mas, diante de situações assim, demonstram agir em defesa da profissão.

Ah, eu acredito que hoje eles estão respeitando mais. Houve uma época que falava “Ah, professor”, fazia até uma carinha, né. [...]. Por que você não se apresenta só como professor. Você tem que se apresentar com a sua formação, né, aí você vai se impor. [...] muito é a gente que faz! Quando você se apresenta pra sociedade, você tem que ter propriedade e segurança, né. (Entrevistado 6). Eu me apresento com muito orgulho, eu faço questão de falar que eu sou professora. [...] elas ficam assim, achando um horror, né, como que alguém pode ser professora? Então, tipo assim, geralmente as pessoas elas têm horror que alguém possa ser feliz sendo professor. Elas ficam até indignadas quando você chega num lugar e fala: “Aí, eu sou professora!” [...] a tendência deles é não respeitar muito a gente. Mas eu me faço respeitar sendo professora, né. (Entrevistado 7) (informações verbais).

Tais entrevistados tentam mudar a concepção das pessoas por meio do discurso e modo de se impor como pedagogos orgulhosos da atividade laboral que praticam. Assim, pode-se dizer que eles veem a identidade social da profissão como uma questão de “tornar-se”. Hall (1990 *apud* SILVA, 2014) aponta que aqueles que percebem a identidade dessa maneira reivindicam a identidade e não se limitam a serem posicionados por ela. Eles são capazes de posicionar a si próprios e de reconstruir e transformar identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum. Todos os pedagogos modificam constantemente, às vezes, sem perceberem, a identidade da profissão. Esses, no entanto, tentam modificá-la, enaltecendo-a.

Em suma, foi possível observar uma alternância na percepção da profissão. Sobre essas concepções Silva (2014, p. 84) esclarece que “o processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e

a estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la.” Ou seja, a produção da identidade social do pedagogo oscila entre os profissionais que tendem a fixá-la e estabilizá-la e os que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la.

Contudo, outros autores indicam que essa oscilação faz parte do processo da construção social da identidade docente. Para esses estudiosos os movimentos de fixação e subversão da identidade são igualmente relacionais e contrastivos e se originam das complexas teias de relações sociais, históricas, políticas, econômicas e culturais (DINIZ-PEREIRA, 2016). Dentro dessa conjuntura entende-se que o processo de construção da identidade social está ligado diretamente ao reconhecimento do docente como atuante nos grupos e subgrupos sociais em que se encontra inserido, modificando estes e sendo modificado de maneira dialética (SIQUEIRA; ALVES; COUTINHO, 2020). A partir dessa discussão é possível observar que a identidade social do pedagogo possui atributos que assinalam a sua pertença a grupos e/ou categorias (SIPPE *et al.*, 2019), e a sua construção se dá por meio da dialética entre os elementos constitutivos da sua formação e atuação profissional e aqueles de cunho históricos e culturais.

5 Considerações finais

Durante a construção deste trabalho buscou-se compreender os sentidos produzidos sobre a construção social da identidade do pedagogo a partir do discurso desse profissional. Contudo, constatou-se que o discurso socialmente construído tem uma conotação negativa acerca do pedagogo. Para alguns, embora haja o reconhecimento da importância da profissão docente, esta não recebe o mesmo prestígio social atribuído a outras profissões.

O processo de escolha pela profissão revelou-se de maneiras variadas pelos entrevistados. A opção pela formação em pedagogia alinhada à acessibilidade financeira e geográfica pode ser compreendida como um dos contribuintes para a construção de uma identidade social do docente fragilizada, em razão de não ser a profissão desejada. Diferentemente, aqueles que consideram a docência como realização profissional revelaram, por meio de seus discursos, a produção de sentidos que apontam para a percepção de uma identidade social positiva da profissão sustentada pela valorização e respeito pela profissão.

A compreensão que os docentes têm sobre a percepção dos alunos sobre a

profissão de pedagogo é de que os alunos reproduzem as concepções empregadas pelos seus pais. Ou seja, a visão depreciativa da profissão docente presente em algumas famílias pode ser vista como uma das razões da construção de uma identidade social negativa presente nos discursos dos alunos. Percebeu-se também colaboradores defendendo que o discurso desfavorável proclamado acerca da profissão do pedagogo é resultado da ausência de investimentos em políticas públicas de incentivo salarial e de formação continuada, de destinação de recursos e materiais pedagógicos, entre outros. Isso implica a materialização de uma comiseração da sociedade para com essa categoria social, o que ocasiona uma conotação pessimista acerca dela.

Embora os resultados alcançados tenham respondido satisfatoriamente aos objetivos propostos, este estudo possui algumas lacunas que precisam ser destacadas. Entre estas está o número reduzido de participantes e de escolas investigadas. Além disso, as informações aqui expostas são unicamente de um grupo (os professores), podendo, sim, estar relacionadas a outros vieses, como, por exemplo, à insatisfação financeira, o que necessariamente não traduziria sua concepção identitária. Assim, seria interessante que outros estudos fossem realizados com maior número de participantes, incluindo entre estes pais, alunos e outros membros da sociedade, com objetivo de conhecer outros elementos envolvidos na construção social do pedagogo na atualidade.

Referências

BATISTA, E. C.; MATOS, L. A. L.; NASCIMENTO, A. B. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, [S. I.], v. 11, n. 3, p. 23-38, 2017. Disponível em: <https://rica.unibes.com.br/rica/article/view/768/0>. Acesso em: 6 set. 2020.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BONIN, L. F. R. Indivíduo, cultura e sociedade. In: STREY, M. N. (org.). **Psicologia Social Contemporânea**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 159-167.

CALDEIRA, A. M. S. A história de vida como instrumento para compreensão do processo de construção da identidade docente. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO (ENDIPE), 10., 2000, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro, 2000. 1 CD-ROM.

CARVALHO, M. V. C. A categoria identidade desvelando o processo de construção do “eu”. In: CARVALHO, M. V. C. A. **Temas em psicologia e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 17-29.

CIAMPA, A. C. **A estória de Severino e história de Severina: um ensaio de psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2014.

DINIZ-PEREIRA, J. E. Lentes teóricas para o estudo da construção da identidade docente. **Educação em Perspectiva**, [S. I.], v. 7, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/6867>. Acesso em: 7 set. 2020.

GALINDO, W. C. M. A construção da identidade profissional docente. **Psicologia Ciência e Profissão**, [S. L.], p. 14-23, 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v24n2/v24n2a03.pdf>. Acesso em: 2 maio 2018.

GERGEN, K. J.; GERGEN, M. **Construcionismo social**: um convite ao diálogo. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2010.

GERGEN, K. O movimento construcionista social na psicologia moderna. **American Psychologist**, [S.I.], v. 40, n. 3, p. 266-275, 1985. Disponível em: <https://insights.ovid.com/american-psychologist/ampsy/1985/03/000/social-constructionist-movement-modern-psychology/2/00000487>. Acesso em: 21 set. 2020.

GOMES, A. A. **A construção da identidade profissional do professor**: uma análise de egressos do curso de Pedagogia. 2008. Disponível em: <http://historico.aps.pt/vicongresso/pdfs/590.pdf>. Acesso em: 21 maio 2018.

IÑIGUEZ, L. A análise do discurso nas ciências sociais: variedades, tradições e práticas. In: IÑIGUEZ, L. **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 105-160.

LANE, S. T. M. O processo grupal. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (org.). **Psicologia social**: o homem em movimento. 8. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2018. p. 78-98.

LIBÂNEO, J. C. *et al.* **Pedagogia, ciência da educação?** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LIMA, F. R. Formação, identidade e carreira docente: endereçando itinerários teóricos sobre o “ser professor” na contemporaneidade. **Debates em Educação**, [S. I.], v. 9, n. 18, p. 119-135, 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/2608/2587>. Acesso em: 5 set. 2017.

NASCIMENTO, M. A. V. Dimensões da identidade profissional docente na formação inicial. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, [S. I.], p. 207-218, jul. 2007. Disponível em: <http://impactum-journals.uc.pt/rppedagogia/article/view/1202>. Acesso em: 15 maio 2018.

POTTER, J.; WETHERELL, M. **Discourse and social psychology**. London: Sage Publications, 1987.

RASERA, E. F. A Psicologia Discursiva nos estudos em Psicologia Social e Saúde. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [S. I.], v. 13, n. 3, p. 815-834, 2013. Disponível em: <http://www.revipsi.uerj.br/v13n3/artigos/pdf/v13n3a02.pdf>. Acesso em: 29 out. 017.

SÁ, T. T.; ALVES NETO, F. R. A docência no Brasil: história, obstáculos e perspectivas de formação e profissionalização no século XXI. **Revista Tropos**, [S. I.], v. 5, n. 1, p. 01-14, jul. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/ADM/Downloads/461-1417-1-PB.pdf>. Acesso em: 18 set. 2017.

SANTOS, W. A. Uma reflexão necessária sobre a profissão docente no Brasil, a partir dos cinco tipos de desvalorização do professor. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 349-358, 2015. Disponível em: <http://200.229.32.55/index.php/SapereAude/article/view/9764/8214>.

Acesso em: 30 maio 2018.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SIPPE, F. E *et al.* Cultura de Consumo e Construção Social da Identidade no Espaço Escolar. **Rev. Enfermagem e Saúde Coletiva**, [S. I.], v. 4, n. 2, p. 56-66, 2019. Disponível em: <https://www.revesc.org/index.php/revesc/article/view/50>. Acesso em: 7 set. 2020.

SIQUEIRA, M. M.; ALVES, M. J.; COUTINHO, H. R. N. Identidade social e prática docente: perspectivas e possibilidades. **Epistemologia e Práxis Educativa-EPEduc**, [S. I.], v. 3, n. 1, p. 01-12, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/epeduc/article/view/10754>. Acesso em: 7 set. 2020.

SOARES, R. M. F. **A construção da identidade profissional do pedagogo atuante nas escolas da rede pública estadual de Teresina-PI**: 1980 a 2006. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

SPINK, M. J. P. **Psicologia social e saúde**: práticas, saberes e sentidos. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educ. Soc.**, [S. I.], v. 21, n. 73, p. 209-244, 2000. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302000000400013>. Acesso em: 14 out. 2017.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

Recebido em: 02 de março de 2020.

Aceito em: 04 de setembro de 2020.